

Uma Análise do Perfil Sócio Cultural dos Usuários de Crack no Município do Rio de Janeiro: Relatos de uma Etnografia

Danielle de Carvalho Vallim¹.

Christiane Sampaio².

Coordenadora da pesquisa: Alba Zaluar³

Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Sócio Antropologia do Uso de Psicoativos. PUC, São Paulo, 1 e 2 de julho de 2012

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa o perfil sócio cultural dos usuários de crack no município do Rio de Janeiro através de uma pesquisa etnográfica realizada com 30 usuários em cracolândias e cenas de uso localizadas na cidade.

Tal pesquisa se dividiu em duas etapas, sendo a primeira realizada com 30 usuários nas cracolândias⁴ de Jacarezinho, Manguinhos e na cena de uso da Central do Brasil e a segunda etapa com outros 15 usuários também em Jacarezinho e Manguinhos e na cena de uso da Glória. Contabilizando no total, 45 usuários analisados. Contudo, o presente estudo se refere apenas aos 30 usuários analisados durante a primeira etapa.

O primeiro sentimento que se obtém ao estar em contato com estes locais com grande concentração de usuários de crack e outras drogas é, inicialmente, um forte impacto e incômodo, pelo fato de um número considerável de pessoas estarem expostas a uma situação de vulnerabilidade promovidos por todo o processo de degradação que

¹ Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas das Violências _ NUPEVI do Instituto de Estudos Sociais e Políticos- IESP e doutoranda em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social - UERJ. Email: daniellecvallim@yahoo.com.br

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria, psicóloga da Equipe Consultório na Rua de Manguinhos – Clínica da Família Vitor Valla – Teias- Fiocruz. E mail: chrisampayo@gmail.com.br

³ Pesquisa coordenada e idealizada pela Prof^a Alba Zaluar, coordenadora do Núcleo de Pesquisas das Violências – NUPEVI, do Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP.

⁴ Termo utilizado para definir locais com grande concentração de usuários de crack fazendo uso da substância.

envolve os locais voltados para consumo de crack. Mesmo para aqueles com alguma experiência na temática e habituados a circular nos espaços em que ocorre o uso da droga, conforme nossa experiência em campo.

O período de execução do trabalho de campo realizado na primeira etapa foi entre dia 10 de maio a 21 de junho de 2011, com a realização de uma ida a campo por semana e uma média de cinco a seis entrevistas por dia.

Ao todo foram 22 entrevistados do sexo masculino, dentre eles quatro travestis, e oito do sexo feminino. Ao início de todas as entrevistas foi apresentado o “Termo de Consentimento” devidamente lido e assinado pelos usuários que fizeram parte da pesquisa.

Para a realização da etnografia foram entrevistados e analisados:

USUÁRIOS DE CRACK ENTREVISTADOS POR LOCAL	
Local	Quantidade de usuários
Cracolândias de Jacarezinho e Manguinhos	26
Cena de uso de Central do Brasil	4

No período referente à pesquisa, os locais escolhidos para a realização do trabalho de campo se deram devido à distribuição sócio-espacial do uso⁵ de crack e por serem locais de aglomeração de usuários na cidade do Rio de Janeiro.

OBJETIVO

O objetivo da realização do trabalho foi identificar o perfil e a realidade social dos usuários de crack, ressaltando as dinâmicas e a estrutura social do universo em que estão inseridos. Fizemos uma investigação sobre a relação que estes usuários

⁵ Após o período de realização da pesquisa, as cracolândias de Jacarezinho e Manguinhos foram eliminadas respectivamente, em junho e outubro de 2012. No Jacarezinho, após uma sucessão de ações de recolhimento promovidas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro com o intuito de conter o uso de crack na cidade, o tráfico proibiu a venda e consumo de crack na comunidade. Já em Manguinhos a cracolândia foi eliminada após processo de pacificação e ocupação promovido pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

estabelecem com o crack e buscamos entendimento sobre a prática de uso, frequência e gastos com a droga. Também buscou-se identificar a procura e o acesso deste grupo de usuários aos serviços de saúde, psicológicos e de assistência social, e consequentemente identificar a existência de fatores que elevam as vulnerabilidades.

Também foi feito uma investigação sobre a oferta e a procura dos usuários de crack por serviços especializados para tratamento do uso de drogas e as dificuldades encontradas para busca e adesão a estes serviços.

METODOLOGIA

Para a realização do campo e entrevistas foi elaborado um “Roteiro de Campo” voltado para a história de vida dos usuários, com o objetivo de orientar e direcionar a pesquisa de campo e a realização das entrevistas. Além disso, ao início de todas as entrevistas foi apresentado o “Termo de Consentimento” devidamente lido e assinado pelos usuários que fizeram parte da pesquisa.

Como forma de determinar o tempo e logística para o trabalho de campo foi estipulada uma meta de realização de 30 entrevistas semi estruturadas com a realização de 5/6 entrevistas semanais no campo. Durante todas as entrevistas também optamos pelo uso do gravador como forma de obter todas as informações na íntegra. O preenchimento do “Roteiro de Campo” era realizado durante as entrevistas. Para isso, fizemos um processo de revezamento em todas as entrevistas como forma de aumentar a produção das entrevistas e do preenchimento do caderno de campo. Assim, enquanto uma pesquisadora realizava a entrevista com o usuário, a outra preenchia o “Roteiro de Campo” e vice-versa.

A principal região onde foi realizada a etnografia – Jacarezinho e Manguinhos - era considerada uma região de conflito por estar sob o domínio do tráfico. Sendo assim,

foi necessário a utilização de uma “facilitadora”, que esteve presente conosco em todas os momentos de todas as idas ao campo e durante todas as entrevistas. Ela nos permitiu o acesso com tranquilidade na localidade e aos usuários pesquisados para a realização do trabalho de campo. Nossa facilitadora é uma líder local, Sr. Graça, moradora da comunidade de Manguinhos e já muito conhecida dos usuários de crack da região de Manguinhos/Jacarezinho pelo desenvolvimento de trabalhos de distribuição de preservativos e encaminhamentos para os serviços de atendimento e assistência social ao usuário e também por ser uma agente de saúde que atende a população em situação de rua na comunidade do Jacarezinho. Seu trabalho foi de extrema importância para o sucesso e realização do campo, por nos permitir um maior acesso à localidade pesquisada e facilitar o contato, recrutamento e seleção dos usuários que vieram a ser entrevistados.

No primeiro dia de realização do campo no Jacarezinho, nosso trabalho foi desenvolvido no cruzamento localizado entre a Avenida dos Democráticos e a Avenida Dom Helder Câmara – ambas as avenidas de grande movimentação de carros e pessoas e próximas a uma unidade de saúde, a uma estação de trem e à ⁶Sociedade União Internacional Protetora dos Animais - SUIPA.

Neste cruzamento costumava-se encontrar, em média, um grupo de 20 a 25 usuários de crack que moravam e faziam uso da droga nesta local. O acesso ao crack se dava através das cracolândias de Jacarezinho e Manguinhos, já que este cruzamento se encontra entre estas duas comunidades que possuíam comércio de drogas em bancas expostas “á céu aberto”.

⁶ Sociedade União Internacional Protetora dos Animais. Localizada na Avenida Dom Helder Câmara, próximo a comunidade do Jacarezinho. A SUIPA é uma entidade que presta assistência Veterinária, sendo particular, não eutanásica, sem fins lucrativos, e de utilidade pública.

Não ocorreu nenhuma dificuldade no estabelecimento do contato inicial para realização das entrevistas, que se deu tanto através da abordagem de nossa equipe para com os usuários, quanto pelos próprios usuários que se aproximaram interessados em poderem participar das entrevistas.

No primeiro momento iniciamos as entrevistas em um bar chamado “Bar do Zezé” - localizado no cruzamento - cujos proprietários nos cederam espaço para realização do trabalho. A princípio iniciamos as duas primeiras entrevistas em um mesa localizada na calçada do bar, mas o barulho dos automóveis e pessoas que circulam no cruzamento estava nos atrapalhando. Por isso, os proprietários nos cederam um espaço interno - à parte do bar - para que pudéssemos realizar o restante das entrevistas. Contudo, no momento em que iniciamos as entrevistas neste espaço, os clientes do “Bar do Zezé”⁷ ligaram as máquinas ⁸juke box em uma altura máxima interferindo diretamente na produção das entrevistas, tanto para ouvir os usuários, quanto para nossa concentração. Neste primeiro dia foram entrevistados 6 seis usuários.

A partir do segundo dia de entrevistas passamos a utilizar como local de entrevistas a residência da Sra. Graça, na comunidade de Manguinhos e a aproximadamente 150 metros da cracolândia. Assim, foi possível um maior nível de concentração para a realização das entrevistas, que passaram a ocorrer de forma tranquila e mais produtiva propiciada pela boa estrutura e local adequado.

Neste dia foi iniciado o processo de recrutamento dos usuários que se encontravam dentro da cracolândia do Jacarezinho - recrutados e encaminhados pela Sra. Graça. Nesta altura, o interesse dos usuários que se encontravam na cracolândia em

⁷ Nome do bar localizado próxima a uma casa de uso da comunidade de Manguinhos.

⁸ Jukebox é um aparelho eletrônico utilizado geralmente em bares e lanchonetes. Uma máquina que reproduz música, inserindo moedas.

participarem das entrevistas foi aumentando na medida em que passaram a tomar conhecimento da pesquisa e também, serem indicados por usuários já entrevistados.

Na cena da Central do Brasil, as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora Christiane Sampaio e os usuários já eram antigos conhecidos da pesquisadora.

1 - Recrutamento e Seleção

A regra para o recrutado para as entrevistas é que os usuários deveriam ser usuários de crack e estarem inseridos no cotidiano e universo das crackolândias ou do consumo frequente de crack . Contudo, não foi estipulado o tempo de uso, ou o fato de serem ser ou não moradores da crackolândia. No entanto, por estarmos realizando os trabalhos nos locais pesquisados e inseridas no universo dos usuários de crack, a grande maioria dos usuários entrevistados residiam nas crackolândias e cenas de uso pesquisadas.

Em Manguinhos e Jacarezinho, ao todo foram nove usuários em situação de rua residentes do cruzamento entre a Avenida dos Democráticos e a Avenida Dom Helder Câmara e 17 usuários que residiam nas crackolândias de Jacarezinho e Manguinhos.

Conforme já relatado também foram entrevistados quatro travestis usuários de crack das cenas de uso da Central do Brasil. Estes foram recrutados pela pesquisadora Christiane Sampaio. Neste caso, eles foram recrutadas por serem usuários de crack profissionais do sexo e por já serem antigas conhecidas da pesquisadora pela participação em pesquisas anteriores. As entrevistas foram realizadas na cena de uso localizada na região da Central do Brasil – local onde os travestis exercem a atividade de profissionais do sexo. Este perfil de usuários se difere do perfil dos usuários das crackolândias por não consumirem a droga nos locais de uso ou proximidades dela, mas sim em suas residências e/ou com seus clientes.

O processo de recrutamento de todos os usuários ocorreu de acordo com a disponibilidade e interesse dos usuários seguindo o perfil da pesquisa para participarem das entrevistas. No primeiro dia de entrevista nos aproximamos dos usuários que se encontravam no cruzamento próximo a cracolândia do Jacarezinho (entre a Avenida dos Democráticos e a Avenida Dom Helder Câmara), explicamos do que se tratava a pesquisa e fizemos o convite para participarem. A quantidade de interessados neste primeiro momento surpreendeu, já que o número de usuários interessados em participar chegou a ser acima do número de usuários entrevistados.

A partir do segundo dia de entrevistas os usuários já nos conheciam melhor e começaram a serem indicados pelos que já haviam participado da pesquisa. Neste momento, a Sra. Graça, por ser moradora local e muito conhecida dos usuários, começou a recrutar os usuários dentro das cracolândias. Neste sentido, a mesma já tinha conhecimento da realidade local dos usuários e fez a seleção de acordo com o perfil que procurávamos. Tivemos uma média de cinco a seis usuários recrutados por dia.

2 - Entrevistas

Para realização das entrevistas semi estruturadas foi elaborado um roteiro com os seguintes itens:

IDADE:	Idade do usuário.
SEXO:	Masculino ou Feminino.
MORADIA:	Neste caso, mesmo que o usuário fosse morador da cracolândia e/ou proximidades, buscou-se identificar se o usuário possui ou possuía moradia fixa e com quem (pais e irmãos, pai, mãe, cônjuges, cônjuges e filhos, tios, abrigo e outros). Além disso, também tentamos identificar os fatores que fizeram com que abandonassem seus lares.
	Buscou-se identificar a formação escolar (ensino superior, segundo grau, curso técnico, outros); se está estudando ou

ESCOLARIDADE:	não; onde; quando parou de estudar; e se ocorreu um processo de evasão escolar, se houve aprovação ou não das pessoas próximas. E quais os fatores que levaram o usuário a abandonar seus estudos.
TRABALHO:	Identificar se o usuário possui trabalho ou profissão. Em caso positivo, onde; quantos dias por semana; se exerce a profissão em sua atividade de trabalho e se o consumo de crack atrapalha o exercício de sua atividade profissional. Em caso negativo, quais os motivos se foi por falta de oportunidades, ausência de escolaridade, dependência da droga (crack e outras drogas) ou outros.
RENDA:	Identificar se o usuário possui renda. Se sim, qual a origem da renda e quanto em média. Neste caso, quanto da renda é voltada para o consumo de crack.
FAMÍLIA:	Neste item, buscou-se identificar se o usuário possui família (pai, mãe, irmãos, esposa, marido, filhos, cônjuges) e como é sua relação com a família. Se vive com eles; mantém contato; e se considera que a dependência do crack atrapalha sua convivência com família. Se não possui família, se considera o fato de não ter família interfere de alguma maneira no uso de crack.
RAÇA:	Como o usuário se define dentro das categorias de Raça.
	Neste item destacam-se perguntas relacionadas ao universo dos usuários com o crack através de questões, tais como: quando começou a fazer uso do crack e que idade possuía, se utilizava outras drogas antes do crack, quais eram; se consome outras drogas além do crack; com que frequência consome o crack; o que acha da droga (efeitos), se considera que o crack possui mais efeitos positivos ou negativos, que efeitos são esses; qual a sensação que o crack proporciona; consome com outros usuários ou

HISTÓRIA DA RELAÇÃO COM A DROGA:	sozinho; quantas vezes consome por dia; onde ocorre o consumo; se frequenta os locais denominados cracolândia, em caso positivo, quanto tempo passa nestes locais; porque se mantém fazendo uso do crack; se considera dependente do crack; tem interesse ou já tentou parar, em caso positivo, como fez esta tentativa e porque retornou ao uso, e em negativo, porque nunca tentou; já procurou ou teve algum tipo de ajuda, em caso positivo, qual; e por último, se já teve algum tipo de atendimento médico, psicológico e de assistência social.
---	--

As entrevistas, de uma maneira geral, ocorreram de forma produtiva, durando em média, 25 a 30 minutos cada. Os usuários foram colaborativos, porém muitos demonstraram uma impaciência, sono, tristeza seguida de choro, agitação. No início de todas as entrevistas ocorreu a leitura e assinatura do “Termo de Consentimento” que continha as informações sobre a pesquisa e sobre a participação do usuário no estudo.

Todas as entrevistas ocorreram repetindo o que foi determinado pelo roteiro sendo gravadas mediante autorização do usuário conforme o “Termo de Consentimento” e também escritas. Alguns entrevistados, no momento inicial das entrevistas se sentiam inseguros e pouco a vontade para responderem as perguntas. Contudo, é importante ressaltar que durante todo o processo de contato e execução de entrevistas tivemos a preocupação de agir de forma a deixa-los muito à vontade, tentando transmitir confiança. Por isso, é possível perceber que à medida que iam adquirindo confiança, se tornaram mais abertos e participativos.

3 - Perfil dos Usuários

Conforme já detalhado, foram entrevistados 26 usuários de crack que faziam uso nas cracolândias do Jacarezinho e Manguinhos e quatro usuários travestis na cena de uso da Central do Brasil. Geralmente e contrariando o senso comum, os usuários

quando abordados, são acessíveis e não demonstram um perfil agressivo. Pelo contrario, demonstram carência, insegurança, baixa estima, necessidade de atenção e carinho. Alguns são pegajosos e às vezes um pouco desconfiados, agitados e emotivos. Ao serem entrevistados a maioria demonstrou sinceridade, evidenciando seu histórico de vida, suas limitações, erros, fragilidades e deixaram vir a tona uma avalanche de emoções e anseios. Somente uma pequena minoria dos usuários entrevistados demonstrou preocupação em controlar suas emoções.

Normalmente se encontram divididos em grupos de três a seis, alguns compartilham o mesmo copo para o consumo, outros exibem o cachimbos pendurados por cordões no pescoço para uso individual, e se movimentam pela cena envolvidos em diversos afazeres e em busca de drogas. A presença de homens é majoritária de e a de mulheres minoritária, sendo estas, algumas grávidas.

Este grupo de usuários moradores da cracolândia aparentam descuido e descaso com o corpo, pouca higiene, sujeira, baixo peso, pele descuidada, unhas e dedos (principalmente o polegar e indicador) muito sujos e escuros (provocado por queimaduras geradas pelo acendimento contínuo de isqueiro para o uso da pedra de crack). Também apresentam um comportamento de atividade constante e estão sempre segurando os copos de água mineral – insumo utilizado para o uso do crack que serve de utensílio para uso da pedra.

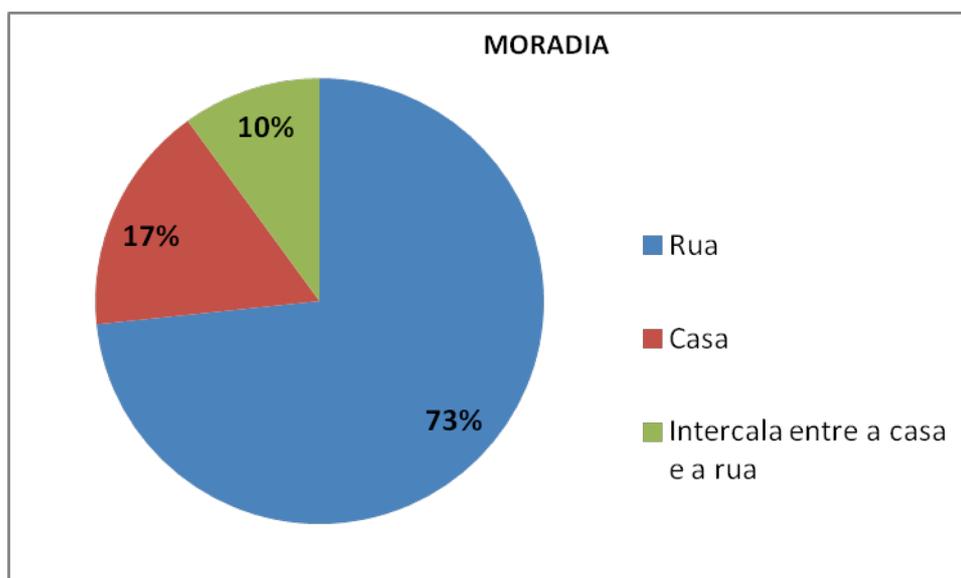
Durante o período de realização do campo, muitos usuários entrevistados se aproveitaram de nossa aproximação para pedirem ajuda e tratamento, demonstrando interesse e vontade para saírem da situação de dependência em que se encontravam, mas sempre tomados por um forte sentimento de impotência diante da busca por alternativas de tratamento. Além disso, também recebemos pedidos de produtos de higiene (shampoo, escova e pasta de dentes, sabonete) e alimentos.

É interessante ressaltar que muitos usuários que possuem filhos usam chupetas e sapatinhos penduradas no pescoço em forma de cordão. Quando questionados sobre o porquê do uso do objeto, eles nos respondem que servem como recordação dos filhos que abandonaram/perderam em função da dependência do crack.

Os usuários de crack travestis residência fixa possuem residência fixa e normalmente fazem uso do crack fora da cena de uso e/ou com seus clientes.

3.2 - Moradia

No item referente à Moradia, do universo de todos os usuários entrevistados, 22 (73%) deles se encontram em situação de rua, cinco (17%) em residências fixas e três (10%) intercalam entre sua residência e a rua.



Fonte: NUPEVI/IESP.

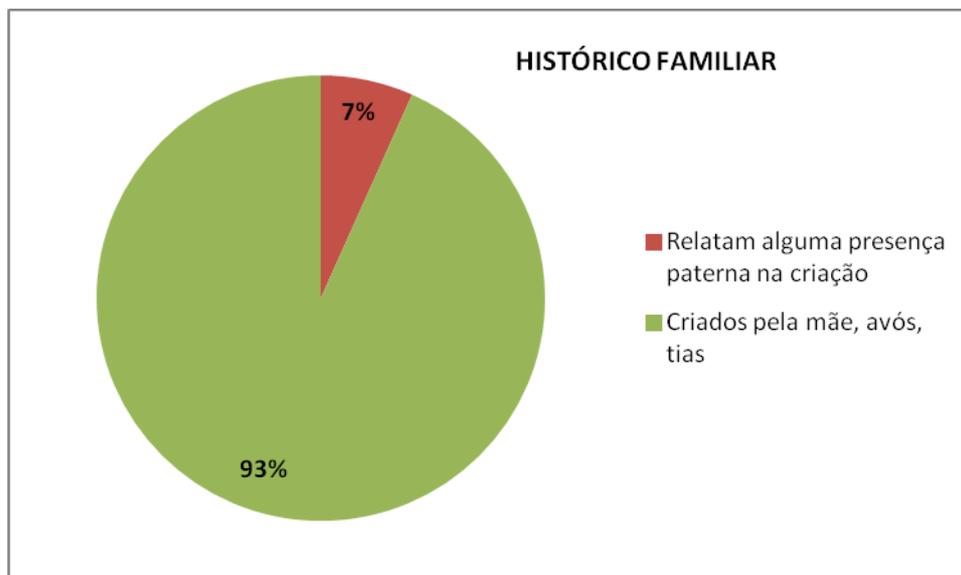
Dentre os motivos que os levaram a morar na rua, estão: perda e/ou ausência de vínculos familiares e a relação de dependência com o crack.

Apenas cinco usuários de crack no universo de todos os entrevistados moram em residências fixas, sendo estes: um usuário (o mais velho de todos os entrevistados, com 52 anos de idade), que trabalha como ambulante, possui casa, esposa e três filhas. E todas as quatro travestis usuárias de crack que possuem residências fixas.

Dentre os usuários, três deles se revezam entre a cracolândia e suas residências fixas com a família. Neste caso, eles moram na cracolândia durante os dias em que estão consumindo a droga, em média de cinco a sete dias e no final deste período de consumo vão para suas casas, ficando em média de sete a dez dias sem consumir a droga.

3.3 - Família

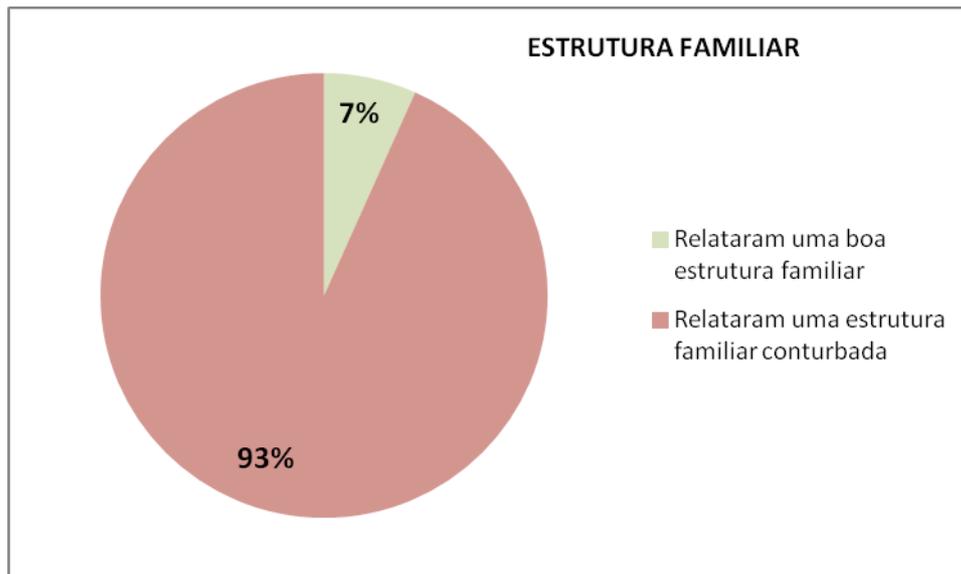
De todos os usuários entrevistados, foi praticamente unânime a ausência da participação da figura paterna na criação dos usuários. Muitos, nem sequer chegaram a conhecer seu pai. Somente dois usuários relataram a presença do pai no processo de criação e educação.



Fonte: NUPEVI/IESP

Os demais usuários relataram terem sido criados somente pela mãe, avós ou tias. Também ocorreram relatos de algumas mães que foram presas e os deixaram com avós e tias.

Os mesmos dois (7%) usuários que mencionaram a presença da figura paterna no processo de criação foram os únicos que relataram uma boa estrutura familiar, falando da família com admiração e carinho. Os outros 28 (93%) relataram uma estrutura familiar conturbada.



Fonte: NUPEVI/IESP

Em alguns casos, ficou evidente o nível de carência e desestrutura emocional gerados pela perda e/ou ausência da família. A fala que de um usuário sobre a importância da avó como uma referência familiar explicita o nível de carência e de ausência de vínculos familiares.

“Ela era muito boa pra mim, me levava pra escola, colocava meia no meu pé pra eu ir pra escola”. (*Usuário de crack entrevistado*).

Este mesmo usuário, após a morte da avó, ainda em sua infância, passou a ser criado pela tia que, de acordo com seu relato, o maltratava. Quando perguntado se pessoas próximas e ele (após a morte da avó) aprovaram o fato de ele ter parado de estudar, o mesmo respondeu:

“Ninguém ligou, ninguém liga mesmo”. (*Usuário de crack entrevistado*)

Grande parte dos usuários relataram ter filhos e conjugues e revelam o abandono da família em função da dependência do crack.

Contudo, a perda e/ou ausência de vínculos familiares foi identificada no histórico de vida da maioria dos usuários de crack entrevistados.

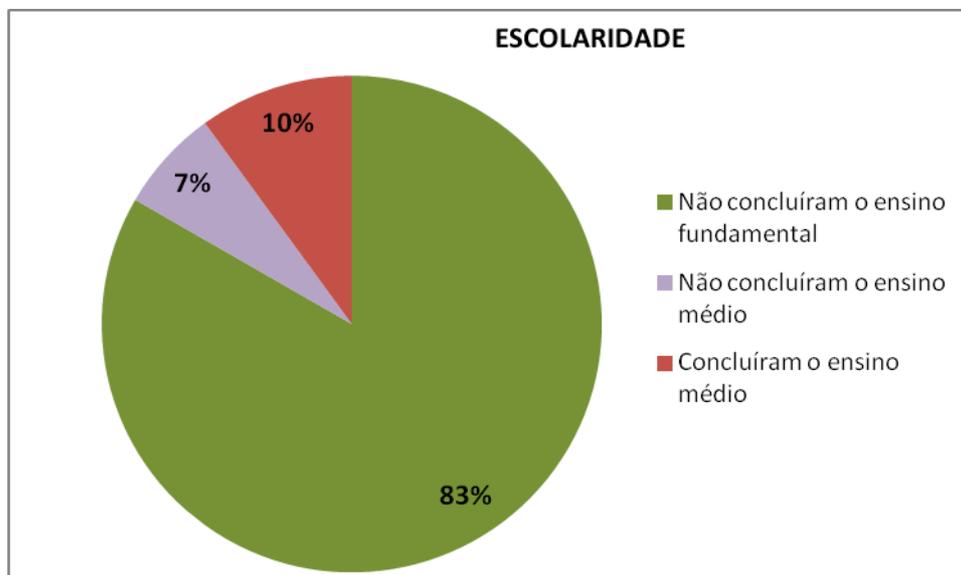
3.4 – Escolaridade

De todos os usuários entrevistados, nenhum deles encontravam-se estudando. Destes, 27 passaram por um processo de evasão escolar, interrompendo os estudos sem concluir.

Do total de usuários que interromperam os estudos, 25 pararam de estudar ainda no ensino fundamental (entre a 3º e 8º série), destes 18 são homens (incluindo os quatro travestis) e sete mulheres.

No que corresponde ao ensino médio, dois usuários interromperam os estudos nesta etapa, sendo um homem e um mulher.

Apenas três usuários homens tinham 2º grau completo, com formação em técnico em eletrônica, entre outros.



Fonte: NUPEVI/IESP

Os fatores relacionados à saída da escola foram: falta de interesse nos estudos, ausência de vínculos familiares no processo de acompanhamento escolar, uso de drogas como maconha e cocaína, e o despreparo do sistema educacional público para lidar com o uso de drogas identificados na escola, neste sentido, todos os usuários que relataram terem sido pegos fazendo uso de drogas nas escolas foram expulsos e, após isto, se tornaram dependentes.

O uso de crack, na grande maioria dos casos, não foi responsável pelo processo de evasão escolar. De acordo com o relato dos usuários, na época referida do abandono da escola, ainda não conheciam o crack, somente maconha e loló.

3.5 - Trabalho e Renda

Todos os usuários entrevistados exercem algum tipo de atividade para obter renda. Contudo, todas as atividades relatadas são consideradas informais.

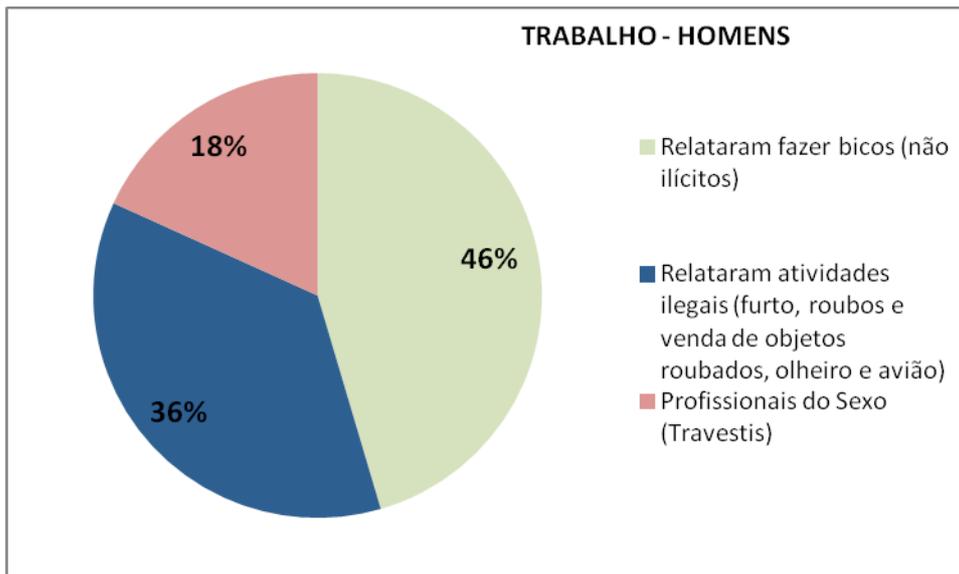
De todos os usuários entrevistados, sete já haviam trabalhado em algum momento de suas vidas exercido atividades de trabalho no mercado formal, mas abandonaram tanto devido ao consumo de crack, quanto por outras questões pessoais.

As rendas declaradas variam entre R\$350,00 (maior renda relatada, no exercício da atividade de avião) a R\$20,00 (menor renda relatada no exercício da atividade de pedinte) por dia. Deste total, a grande maioria dos entrevistados declararam que 70% a 90% da renda obtida se destinam ao consumo de crack, e o restante para alimentação e vestimenta.

“Quando me dá fome, eu tenho que deixar de fumar pra comprar comida”. *(Usuário de crack entrevistado)*

3.5.2 - Homens

Dentre as atividades exercidas pelos usuários homens, 10 (46%) relataram fazer bico (fazer de tudo, menos roubar), vender bala e bananada, vender reciclado, trabalhar como ambulante e ser pedinte. Outros 8 (36%) relataram estar no mercado ilegal. Neste caso, fazem furtos, roubos, venda de objetos roubados, olheiro (fiscalizam a entrada da polícia e avisa aos traficantes) e avião (termo usado para definir a pessoa que vai busca a droga junto ao traficante) para os usuários de drogas que passam no local de carros que param nesse cruzamento em busca de drogas.



Fonte: NUPEVI/IESP.

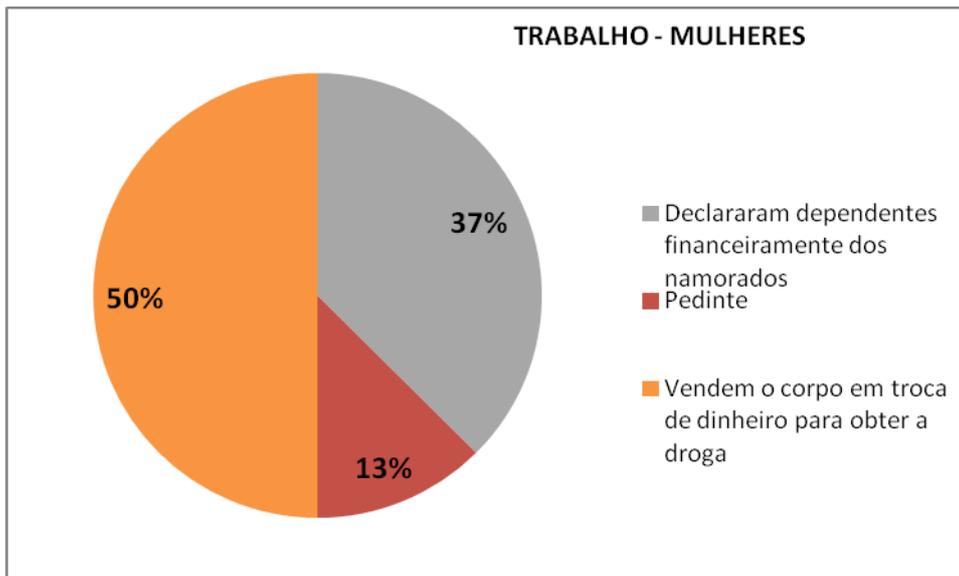
3.5.3 - Travestis

No grupo de travestis, os quatro (18%) exercem a atividade de profissionais do sexo e todos revelaram que também fazem uso do crack com seus clientes com forma de atrair clientela, já que muitos deles consomem crack e fazem uso da pedra no momento em que estão fazendo programa.

“Na verdade o uso de crack acompanha o trabalho, se você acompanha o cliente usando ela passa mais tempo com você e te paga mais”. (*Usuário de crack travesti e profissional do sexo entrevistado*).

3.5.4 - Mulheres

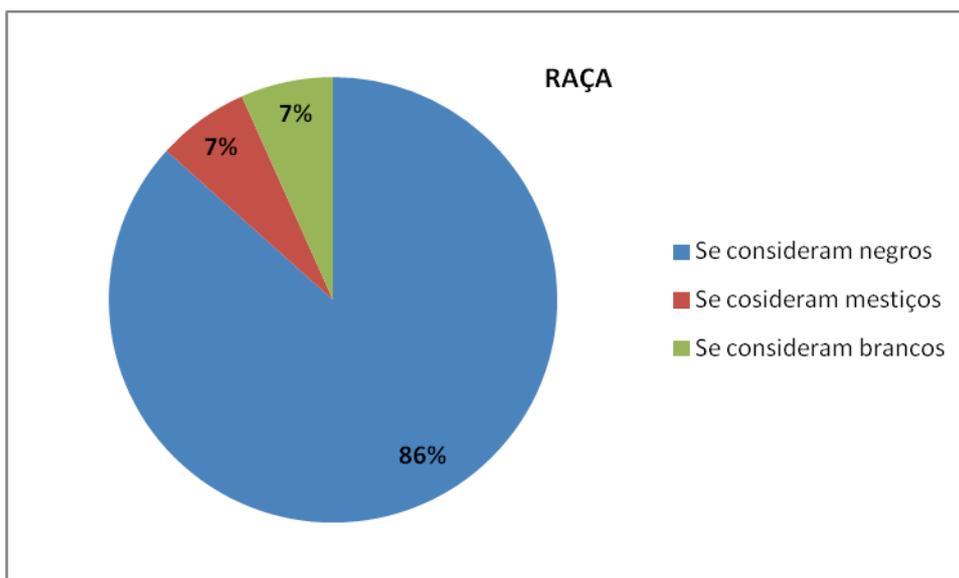
No grupo de mulheres, a maioria (quatro (50%)) vendem o corpo como forma de obter renda para o consumo de crack. O diferencial deste grupo é que elas não se autointitulam como profissionais do sexo por praticarem sexo em troca de droga ou dinheiro para droga. Três usuárias (33%) se classificam como dependentes financeiramente dos namorados/companheiros que vivem junto com elas nas cracolândias. Na maioria dos casos, eles se conheceram na própria cena de uso. Nestes casos, eles se conheceram na rua consumindo crack e passaram a viver juntos. E somente uma (13%) das usuárias exerce a atividade de pedinte.



Fonte: NUPEVI/IESP

3.5.6 – Raça

No item raça, dos 30 usuários entrevistados, 26 (86%) se consideram negros, 2 (7%) mestiços e 2 (7%) brancos.



Fonte: NUPEVI/IESP

4 - História da relação com a droga

Neste item são aprofundadas as questões relacionadas a prática de uso, histórico dos usuários entrevistados e sua relação com o crack.

O tempo de consumo de crack variou em uma média de seis a quatro anos de uso.

Dentre as drogas relatadas como as consumidas antes de se tornarem usuários de crack, estão: cocaína, maconha e loló, sendo estas duas últimas citadas pela grande maioria dos usuários como sendo as mais utilizadas.

De acordo com as informações passadas pelos usuários durante as entrevistas, o loló e a maconha, em alguns casos, ainda são utilizadas juntamente com o crack. A primeira, por ser uma droga barata e vendida nas bocas de fumo, e com efeito estimulante e a maconha se revela como uma droga de menor potencial lesivo e menos comprometedor. Em alguns casos, foi declarado a mistura do crack com a maconha como forma de amenizar os efeitos do crack.

Quando perguntados sobre a idade em que ocorreu o primeiro contato com o crack, a média variou entre 15 e 20 anos. É interessante ressaltar que esta geração de usuários entrou em contato com o crack em meio ao uso de outras drogas. Porém, a média de tempo de consumo de crack entre os usuários varia entre três a seis anos de uso. o crack ter começado a ser utilizado em grandes proporções no município do Rio de Janeiro a partir do ano de 2006, com o primeiro grande número de registros de apreensões da droga na capital (218 registros) e passando para 795 registros em 2010 (Zaluar & Vallim, 2011). Ou seja, um crescimento de 365% no número de registros de apreensões da droga em um universo de cinco anos. O que confirma o crescimento do consumo de crack a partir do ano de 2006 e explica a média de tempo de consumo dos usuários (3 a 6 anos) identificada na pesquisa.

Quando perguntados sobre o que achavam do crack, se havia mais efeitos positivos ou negativos, uma minoria relatou ver mais efeitos positivos por fazer “esquecer dos problemas”.

“Parte boa, quando a onda é boa”. (*usuário de crack entrevistado*).

Contudo, a maior parte dos entrevistados revelou ser uma droga com mais efeitos negativos. Muitos relatam ser “a droga do diabo”, fazendo analogia a algo ruim, conforme os relatos abaixo.

“O crack não tem vantagem, não tem vida, vive na rua, não tem casa, não tem lazer, não tem família”. (*Usuário de crack entrevistado*)

“É a droga do diabo. Ou mata ou leva a pessoa a virar mendigo: são dois destinos... Tem mais efeitos negativos. Só de ninguém te aceitar, te enxergar de outra forma, já era”. (*Usuário de crack entrevistado*)

Quando perguntados sobre a/as sensações que o crack produz, as respostas foram diversas e variadas, sendo está uma pergunta que muitos tiveram dificuldade em responder, sempre pontuavam algo do tipo: “*difícil de “explicá”, não sei, complicado dizer” (usuário de crack entrevistado)*. Em todas as 30 entrevistas, as sensações relatadas não se repetiram de um usuário para outro. O que me leva a crer que as sensações que o crack produz são diversas e variam de acordo com o usuário. Contudo, vários usuários relataram que a droga gera uma “vontade de consumir mais e mais”.

A maioria se considera dependente do crack e declaram não conseguir abandonar o uso desta droga. Muitos, inclusive, relatam o abandono de suas casas, famílias, filhos e trabalhos em função do uso de crack. Contudo, uma minoria dos entrevistados, declarou não se considerar dependente do crack, dizendo “parar quando quiser”.

A média de consumo da pedra de crack varia conforme relatos de uma média de 15 a 20 pedras consumidas por dia. Quando perguntados se consomem individualmente ou sozinhos, a maioria relata consumir em grupos de três a nove usuários. Contudo, há relatos de usuários que só consomem individualmente ou com seus parceiros.

Entre os fatores que levaram ao primeiro contato dos usuários com o crack, estão: curiosidade, interesse e abordagem dos amigos.

Quando perguntados se havia interesse em parar de consumir a crack, grande parte dos usuários relata já ter tentado parar, mas sem sucesso.

5- Serviços de Saúde, Psicológicos e de Assistência Social.

Em todas as entrevistas perguntamos sobre o acesso a serviços médicos, de assistência social e psicológicos. Grande maioria dos usuários de crack relataram nunca terem recebido nenhum tipo de assistência de nenhum destes serviços. Inclusive, nas entrevistas muitos demonstravam necessidades médicas, mas quando perguntávamos sobre a possibilidade de encaminhá-los havia resistência por parte deles.

No que se refere ao processo de internação para o tratamento da dependência ao crack, alguns usuários relataram já terem passado por clínicas com enfoque religioso por uma ou mais de uma vez. Contudo, de acordo com os relatos, nenhuma delas oferecia atendimento adequado com acompanhamento médico, psicológico e social. Demonstrando muitas vezes a inadequação dos modelos de internação e não terem suportado as regras e terem fugido. Muitos relataram que o tratamento é rezar.

Os únicos relatos que se referem a períodos em que ocorreu uma interrupção do consumo de crack se refere aos usuários que passaram algum período no sistema carcerário.

Grande parte dos usuários relataram nunca terem recebido nenhum tipo de ajuda dos serviços oferecidos pela rede estadual, municipal, ONG's ou igrejas. Os poucos usuários que relataram algum tipo de auxílio, atendimento ou ajuda foram dos serviços oferecidos por equipes religiosas que visitam a crackolândia e/ou dos serviços oferecidos pelo CAPS'AD.

CONCLUSÃO

As temáticas relacionadas ao crack e seu uso ainda não estão sendo pautadas pela realização de pesquisas que dimensionem a história do uso do crack e seus

usuários. A intenção desta pesquisa foi extremamente importante na medida em que serviu para identificar uma parcela do perfil dos usuários de crack moradores das cracolândias e de buscar identificar suas vulnerabilidades e as ausências e/ou falhas das ações voltadas para o enfrentamento ao crack no município do Rio de Janeiro.

A partir dos dados analisados, foi identificado que a maioria destes usuários são: oriundos de classe social menos favorecida; possuem um histórico de desestrutura familiar; ausência da figura paterna no processo de criação; baixa escolaridade; despreparo do sistema público de saúde para lidar com o uso de drogas nas escolas; carência/ausência de acesso aos serviços de saúde, psicológicos e de assistência social; entre outros. O que se pode concluir com a análise é que as questões relacionadas ao uso do crack estão muito além de serem questões relacionadas ao uso de drogas, mas refletem uma realidade referente a um quadro de vulnerabilidades sociais. Por isso devem ser desenvolvidas ações que promovam o resgate da cidadania deste grupo de usuários através da aplicação de ações intersetoriais de forma multidisciplinar e intergovernamental, especialmente nas áreas de saúde, educação e assistência social.

As ações de tratamento centradas exclusivamente na internação não se relacionam com o universo dos usuários de crack, pessoas que se acostumaram com uma rotina sem regras, nas ruas, desvinculados de afeto, sendo talvez esse um dos motivos para o fracasso terapêuticos relatados por eles. São necessárias que sejam desenvolvidas ações na atenção integral, no território e constituindo vínculos graduais e oferecendo oportunidades de acordo com as condições de cada usuário envolvendo ações de assistência médica, psicológica e social.

Contudo, não é possível enfrentar de modo simplificado problemas de tamanha complexidade. São necessárias ações voltadas para uma atenção eficiente ao usuário de crack através políticas públicas adequadas.

Além disso, também são necessárias ações voltadas para um processo de humanização do usuário de crack na cidade do Rio de Janeiro. A construção um processo de humanização junto aos usuários de crack, está intimamente ligado à construção de um novo imaginário social, que rompa com a marginalização e o estigma aplicado à este grupo, dando a eles uma nova representação social, mesmo paralisante, reprodutora de um processo de despotencialização deste grupo no espaço social, seja para o tratamento, seja para o reencontro com novas representações sociais, escola, emprego, família, a mesmas que aparentemente se mostram ausente conforme visto na pesquisa através da história de vida destes usuários.

BIBLIOGRAFIA

Vallim, Danielle de Carvalho; Zaluar, Alba Maria. *Levantamento das Apreensões de Crack nas Cidades do Rio de Janeiro, Volta Redonda, e Petrópolis de 2006 a 2010*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Núcleo de Pesquisas das Violências. Rio de Janeiro, 2011.